



## CICLO DE DEBATES - CINEMA

Tema: O Silêncio de Deus

20.5.2013

Debatedor: Prof. Dr. Sigmar Malvezzi (PST/IPUSP)

## EI ELEFANTE BLANCO

**Direção:** Pablo Trapero; **Roteiro:** Pablo Trapero, Alejandro Fadel, Santiago Mitre, Martín Mauregui; **Fotografia:** Bill Nieto; **Elenco:** Ricardo Darín, Jeremie Renier, Martina Gusman Argentina/Espanha (2012).

**Elefante Blanco** é um filme do gênero descritivo (*próximo do documentário*) dedicado a retratar e analisar a vida dos moradores de um bairro miserável e marginalizado de Buenos Aires. Sua trama é construída sobre a vida e árduo trabalho de três personagens cuja ação pastoral e social dentro dessa comunidade é cruzada pela guerra sanguinária entre traficantes que não poupam crianças nem adolescentes, e pela falta de compromisso das autoridades políticas, policiais e religiosas com quem os três protagonistas vivem relações tensas. O projeto desse trabalho consiste na promoção humana dessa população arquetizada na urbanização do bairro e na conclusão da construção de um grande hospital inacabado. Essa responsabilidade é da administração pública, porém os sucessivos governos pouco se dedicam ao término da obra. A filmagem dessa trama ocorre dentro de um realismo visceral, próximo ao horror, como se pode observar na “*câmera traveling*” quando Nicolas caminha pelas vielas e casas para resgatar o cadáver de um jovem vitimado pelo enfrentamento de dois carteis do narcotráfico que assola esse bairro.

O filme tem início numa sequência portentosa e significativa na qual o Padre Julián é submetido a uma tomografia em sua cabeça (*deixando o espectador curioso de seu resultado*), seguido de sua viagem à Amazônia para resgatar o Padre Nicolas, seu amigo, que trabalha num outro palco de guerra entre indígenas, soldados e traficantes. Pe. Nicolas é convidado a se juntar à equipe pastoral e social do Pe. Julian da qual também participa Luciana, uma assistente social que se integrara o projeto de urbanização do bairro e finalização do Elefante Blanco. Os três, combatendo o narcotráfico, a violência e a miséria, se empenham em organizar e animar as vítimas desse caos e dos desencantos onde seus protagonistas estão perdidos em sua miséria, desconfiam de todos e, até mesmo de seus ideais, esperanças e possibilidades de superação de tamanha adversidade. A partir desse contexto, o filme abre um leque de histórias nas quais o foco é mostrar a vida da comunidade, a atuação dos protagonistas e a reflexão sobre as crises entre fé e religião, entre o dever e os limites do fazer, entre as dúvidas e as convicções, entre a solidariedade e a paixão, desnudando amplo contexto de paradoxos.

No aspecto técnico, o filme é enriquecido pelas diversas subtramas. Através delas, o espectador vai conhecendo os personagens, seus contextos, seus dramas e seus problemas. Trapero produz contínuas tensões ao colocar a câmera no centro do bairro através de cada porta que se abre, cada personagem que passa correndo dentro da cena e cada situação

que circunda os protagonistas. Criando planos extensos como se a câmera fosse curiosa ao seguir permanentemente os personagens, o roteiro descreve a geografia do bairro e coloca o espectador como testemunha ocular dos fatos, como se fosse um cidadão a mais naquele espaço. Cada cena abriga diversas ações ocorrendo ao mesmo tempo, sem que todas contribuam significativamente para o tema central. Trapero descreve sem se preocupar com a estética da violência, como ocorre nos filmes *Tropa de Elite* e *Cidade de Deus*. Parece que ele não quis colocar a violência e o mal como algo para agradar o espectador. Nessa forma técnica, o realismo da direção deixa o espectador mais complicado para responder sobre o que deveria ser feito. O espectador gostaria de obter respostas, mas o filme, ao invés de oferecê-las, amplia a lista de perguntas, sem oferecer as pistas que o espectador busca. A dúvida da ação do Pe. Julian, na sequência final desponta como um exemplo claro dessa postura.

Trapero submete os personagens a diversas provas, ao se limitar à descrição de suas ações, não escondendo suas dificuldades, acertos e erros, conflitos e sinergias, sem fazer julgamentos, colocando-se como simples observador, para por o espectador, igualmente, à prova. Ele não utiliza maquiagens, reconhecendo neles, o direito de se equivocar, insistindo no compromisso que eles têm de retomar sempre suas tarefas mesmo depois destas serem interrompidas. Ele escancara as limitações humanas, mostrando que as decisões do trio protagonista não se enquadram em categorias de certo, ou errado, mas têm muitos matizes. Embora eles tenham fé, esperança e gostem do que fazem, vivenciam dúvidas, raiva, discórdias, desconfianças e frustrações que os levam a questionar sua própria fé. “Como é possível existir um Deus de amor e misericórdia que parece insensível diante de um mundo tão injusto e violento?” A falta de resposta de Deus os deixa inseguros se estão no caminho que deveriam estar para melhor servir seus irmãos. Será que aquilo que eles estão fazendo tem algum sentido prático? Adianta trabalhar em problemas tão complexos onde o governo se omite?

Narrando dessa forma, o filme faz duras críticas à sociedade, à cultura e às instituições, mormente ao governo e à hierarquia da Igreja. Todos são cúmplices da corrupção, da falta de sentido existencial, da distribuição injusta das riquezas e do descaso pela vida humana. Ele ressalta que os moradores de bairros pobres são trabalhadores, honestos e solidários, mas vivem em comunidade com outros que não são honestos nem solidários. Denuncia a violência social, as desigualdades e a impunidade e a solidariedade e compromisso do trio de protagonistas. Pe. Julian é um estrangeiro no bairro e tem que dar conta de muitas frentes (*seu múnus sacerdotal sua segurança, sua saúde e os vícios do clero*). Ele escolheu viver dentro da comunidade para compreendê-la em sua racionalidade mais profunda.

O tema do silêncio de Deus pervade o filme inteiro. Nele, os protagonistas confiam e trabalham por uma causa que transcende todas as recompensas humanas. A fé em Deus e o valor do ser humano justificam tanto sacrifício. A fé desponta na persistência deles em seu trabalho apesar da radical falta de respostas aos seus pedidos. A resposta de Deus à suas súplicas aparece na contínua renovação do compromisso (*da fé*) depois de cada fracasso. Eles sabem que não resolverão o problema, mas estão convictos de que alguém começa e dá alguns passos para que outros venham em seguida e terminem a obra. Eles dão os primeiros passos porque acreditam que Deus não está surdo, mas constrói, em seu ritmo, a solução.